

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**ALGUMAS PROPOSTAS LIBERTÁRIAS DE EDUCAÇÃO**

NAIRA DA COSTA MUYLAERT LIMA

RIO DE JANEIRO  
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**ALGUMAS PROPOSTAS LIBERTÁRIAS DE EDUCAÇÃO**

NAIRA DA COSTA MUYLAERT LIMA

ORIENTADORA: ANGELA MARIA DE SOUZA MARTINS

Monografia apresentada ao curso de pedagogia da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
como requisito para a obtenção do título de bacharel  
em Pedagogia

RIO DE JANEIRO  
2007

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a minha família, pois me ensinaram que as coisas mais importantes da vida é o respeito e o amor ao próximo.

"Sempre acreditei que as profundas transformações, tanto no ser humano como na sociedade, ocorrem em períodos de tempo muito reduzidos. Quando menos esperamos, a vida coloca diante de nós um desafio para testar nossa coragem e nossa vontade de mudança. Neste momento, não adianta fingir que nada acontece ou desculpar-se dizendo que ainda não estamos prontos."

(Paulo Coelho)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro aos meus pais pelo incentivo, pela paciência, pelo apoio e pelo carinho que me deram ao longo de todo esse caminho.

A meu namorado que sempre teve uma palavra reconfortante a dizer nos momentos difíceis.

As amigas que me mostraram que simples conversas viram lições de vida.

A orientadora Professora Doutora Angela Maria Souza Martins pela paciência e o carinho nestes anos de pesquisa.

E os amigos do grupo de pesquisa pelas horas de discussão que me impulsionaram a crescer, principalmente como educadora.

A estes meu sincero obrigado!

## AVALIAÇÃO

---

Angela Maria Souza Martins

---

Nailda Marinho da Costa Bonato

---

Janáina Specht da Silva Menezes

## RESUMO

Nosso trabalho refletiu sobre o anarquismo e sua concepção educacional, ou seja, a pedagogia libertária. Mostramos que o anarquismo contesta qualquer forma tradicional e hierárquica de educação. O anarquismo tem como proposta a autogestão operária como meio de criar novas formas de organização dos trabalhadores na gestão da produção e da vida social. Diante desta concepção de organização social, a pedagogia libertária contraria os princípios da pedagogia dominante. O principal ponto abordado no embate entre a pedagogia libertária e a pedagogia dominante diz respeito à formação do homem. Por um lado a pedagogia dominante defende uma prática educativa que forme o homem para atender as demandas do capitalismo e do mercado de trabalho. A pedagogia libertária, por sua vez, preocupa-se em formar o homem de forma integral, ou seja, formar o homem em seu aspecto intelectual, físico e moral. Os educadores que defendiam a educação libertária acreditavam em um ensino racional e científico, necessitando, portanto, de uma prática educativa baseada na liberdade, isenta de qualquer crença ou dogma. Diante desta perspectiva buscamos apresentar nesta monografia alguns teóricos que defendiam as propostas anarquistas e identificar algumas iniciativas educacionais que buscavam (e algumas ainda buscam) um ensino baseado na concepção libertária.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I-O MOVIMENTO ANARQUISTA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA</b>	
▪ <b>A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA</b>	<b>11</b>
▪ <b>PIERRE-JOSEPHE PROUDHON</b>	<b>12</b>
▪ <b>MICHAELBAKUNIN</b>	<b>17</b>
▪ <b>FRANCISCO FERRER Y GUARDIA</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO II-ALGUMAS INICIATIVAS EDUCACIONAIS ANARQUISTAS</b>	
▪ <b>A ESCOLA MODERNA DA ESPANHA</b>	<b>28</b>
▪ <b>A ESCOLA MODERNA DE SÃO PAULO</b>	<b>33</b>
▪ <b>UNIVERSIDADE POPULAR</b>	<b>37</b>
▪ <b>A PAIDÉIA</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

A concepção anarquista e a pedagogia libertária surgiram como um movimento que contestava não só o modo capitalista de organização como qualquer forma hierárquica de organização. O anarquismo propõe a autogestão operária como meio de criar novas formas de organização dos trabalhadores na gestão da produção e da vida social. Assim, o anarquismo contesta tanto o modo de organização do capitalismo democrático como o modo de organização proposto pelo socialismo de Karl Marx.

Diante desta concepção de organização social, a pedagogia libertária contraria os princípios da pedagogia dominante. O principal ponto abordado no embate entre a pedagogia dominante e a pedagogia libertária diz respeito à formação do homem. Por um lado a pedagogia dominante defende uma prática educativa que forme o homem para atender as demandas do capitalismo e do mercado de trabalho. A pedagogia libertária, por sua vez, preocupa-se em formar o homem de forma integral, ou seja, formar o homem em seu aspecto intelectual, físico e moral. Esta idéia de formação integral é defendida por Francisco Ferrer y Guardia em seu livro *La Escuela Moderna*

Ferrer y Guardia foi um grande educador que influenciou as concepções pedagógicas da Espanha e de outros países da Europa. Ferrer defendia um ensino racional, científico, e para isso, era preciso ter uma prática educativa baseada na liberdade, isenta de qualquer crença ou dogma. Ou seja, o ensino científico deveria estar totalmente desvinculado do ensino religioso e do ensino político. Sobre este aspecto, Ferrer destaca que não se deve perder tempo procurando em um deus imaginário, o que se encontra na força do trabalho humano e não se deve pedir ao “outros” (ou seja, ao Estado), o que pode ser obtido pelo próprio homem.

Ferrer ainda menciona que:

*“La enseñanza racional e científica há de persuadir a los futuros hombres y nujeres qu no han de esperar nada de ningún ser privilegiado (ficticio o real); y que pueden esperar todo lo racional de si mismos y de la solidariedad libremente organizada y aceptada”.* (Ferrer y Guardia, s/d, p. 74-75)

A concepção pedagógica de Ferrer y Guardia, considerada avançada para a época, influenciou teóricos anarquistas brasileiros que propunham um movimento revolucionário libertário. Entretanto, ele não foi o único. As idéias de Proudhon,

Kropotkin, Marx Stiner, Sant-Simon e outros também marcaram o movimento revolucionário brasileiro, dando impulso a várias iniciativas de caráter revolucionário e libertário, como por exemplo, as greves, os sindicatos e as escolas.

Atualmente, pouco se fala em movimento anarquista e em pedagogia libertária. Primeiro porque há grande escassez de material sobre o assunto; segundo porque não interessa ao Estado, seja ele capitalista democrático ou socialista autoritário, discutir tais concepções já que a intenção do anarquismo é acabar com toda e qualquer forma de governo. Assim, talvez propositalmente, o anarquismo e a pedagogia libertária caem no esquecimento e não são temas discutidos nem no âmbito político e muito menos no âmbito educacional.

É importante destacar que a escassez de material tem um motivo relevante. Como as idéias anarquistas eram contrárias aos princípios do governo e da classe dominante, eles acabaram sofrendo muitas perseguições violentas. A polícia maltratava os militantes libertários e, muitas vezes, as famílias dos militantes ou qualquer um que fosse suspeito de causar a desordem na sociedade. Por causa disso, os próprios anarquistas se desfaziam de seus registros, para não deixar nenhum rastro que pudesse levar a polícia até eles. Assim, muito material se perdeu: revistas, jornais, periódicos, cartas etc.

A presente monografia é resultado do projeto de Iniciação Científica intitulado “A Universidade Popular”, orientado pela professora doutora Angela Maria Souza Martins. Durante os dois últimos anos participei como pesquisadora e integrante do Núcleo de Estudos em Educação Brasileira (NEB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Durante esse tempo de pesquisa, obtive uma sólida base teórica sobre o movimento anarquista e sobre a educação libertária.

Fizemos uma pesquisa com fontes primárias e secundárias, utilizando documentos e bibliografia a respeito da doutrina anarquista e da importância da educação para o movimento. Os principais pensadores anarquistas estudados foram Ferrer y Guardia, Kropotkin, Bakunin, Proudhon, Fabio Luz, Florentino de Carvalho, entre muitos outros.

Esta pesquisa tem como propósito estudar as propostas do movimento anarquista e a concepção libertária da educação. Foi realizada uma investigação essencialmente bibliográfica, uma vez que as escolas atuais não abraçam com segurança as concepções pedagógicas libertárias, salvo algumas exceções como a Escola da Ponte de Portugal. Apresentarei algumas iniciativas educacionais de caráter libertário a fim de

analisar qual a contribuição da pedagogia libertária para a construção de uma prática educativa eficiente.

## CAPÍTULO I

### 1- A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Para se iniciar a discussão acerca da doutrina anarquista, é importante, definir claramente o conceito de anarquismo. A palavra anarquismo vem da palavra grega *anarchos*, que significa sem governante. O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda define anarquia como “*falta de governo ou de chefe; confusão ou desordem disso resultante*”.

No entanto, o conceito de anarquia se apresenta de uma forma mais complexa, podendo ser definido como um sistema político filosófico e social que defende a organização de uma sociedade sem um governo estabelecido, baseando-se na convicção de que toda e qualquer forma de organização hierárquica, interfere na liberdade individual.

Frequentemente o anarquismo é visto como sinônimo de bagunça e desordem. Isto se deve a dois fatores principais: o primeiro está associado ao próprio nome anarquismo, que como já foi dito, significa sem governante. Esta definição superficial da palavra anarquismo acaba por viabilizar que o senso comum associe a doutrina anarquista à bagunça, desordem. O segundo fator diz respeito à atuação de alguns anarquistas que acreditavam que a revolução só seria possível através da ação direta. Falaremos sobre esta vertente anarquista mais adiante.

Associar anarquismo à bagunça, desordem, é um equívoco, uma vez que sua principal proposta é buscar a igualdade social, baseando-se na razão humana e na liberdade humana. Apesar de o discurso anarquista abolir toda e qualquer forma de hierarquia, em momento algum esse discurso faz referência à desordem social, política ou econômica. Ao contrário disso, o anarquismo propõe outras formas de organização como, por exemplo, as cooperativas.

Desta forma, o anarquismo pode ser definido como um sistema de filosofia social baseado principalmente na razão humana e na liberdade. Tem como principal objetivo buscar mudanças radicais na estrutura da sociedade a fim de se construir uma nova forma de organização social onde não haja nenhum tipo de hierarquia e onde os indivíduos sejam livres.

É importante destacar que a liberdade de que se fala não é a liberdade absoluta, onde os homens são “livres” para fazer o que quiserem. Aqui, estamos falando de uma liberdade onde os indivíduos têm responsabilidades sociais e respeitam o direito e o espaço do outro.

Neste capítulo destacaremos alguns pensadores anarquistas e suas principais propostas.

## 1.1 – PIERRE - JOSEPH PROUDHON

Proudhon nasceu em 1809, na França. Seu pai era artesão e sua mãe cozinheira. Teve uma infância difícil devido às guerras napoleônicas. Mais tarde frequentou como bolsista o Collège de Besançon, no qual era tratado com humilhação devido à sua origem pobre. Apesar disso, tomou gosto pelos estudos. Besançon era um centro de teologia e devido a maneira pouco convincente com que o clero defendia o cristianismo, Proudhon acabou se tornando ateu. Na verdade, Proudhon nunca chegou a ser um verdadeiro ateu, pois acreditava que a idéia de Deus existia, ainda que tivesse sido criada pelo homem e que esta idéia deveria ser combatida. George Woodcock revela a aversão de Proudhon a Deus e ao dogmatismo dizendo:

*“Deus é mau. O homem, insiste Proudhon, torna-se o que é ao opor-se a todas as coisas não-humanas que existem no Universo; mas esse todo não-humano é – pelo menos segundo os teólogos – governado por Deus. Assim, se Deus existe, ele deve estar contra o homem e, já que o único bem que podemos conhecer é o bem feito pelo homem, Deus – de acordo com a lógica proudhoniana – deve ser mau ”.* (Woodcock, 2002, p. 135)

Desta forma, Proudhon mostra que é radicalmente contra qualquer crença ou dogma. Este é um ponto defendido por todos os anarquistas.

Foi em Besançon, também que Proudhon conheceu Charles Fourier, o homem que futuramente lhe ajudaria a dar forma às suas teorias sociais. Mais tarde, foi obrigado a abandonar os estudos devido aos sucessivos fracassos do pai que levaram a família à miséria.

Foi trabalhar com a tipografia, e encontrou em seus colegas operários, um companheirismo que jamais encontrara no Collège de Besançon. Depois de trabalhar

algum tempo como tipógrafo, Proudhon construiu sua oficina própria em Besaçon, no qual faliu algum tempo depois, herdando uma dívida que jamais pagaria.

Proudhon valorizava a liberdade individual, mas entendia que a sociedade era quem proporcionava tal liberdade. George Woodcock destaca que:

*“Para Proudhon, o indivíduo é ao mesmo tempo, ponto de partida e objetivo final de todos os nossos esforços, mas a sociedade é que proporciona a matriz (...) e é dentro dela que cada homem deve encontrar sua função e realização”.* (Woodcock, 2002, p. 117)

Proudhon ainda afirma que nenhum homem pode viver em solidão total, que não existe nenhum ser na natureza que viva completamente isolado e que a liberdade individual está enraizada nos processos naturais que deram origem à própria sociedade.

*“Todas as coisas e todos os homens existem dentro de relacionamentos particulares ou em grupos seriados e assim a sociedade de todos os órgãos que a compõem, incluindo a família, são parte de uma ordem natural e universal. (...) A sociedade não deve transforma-se num todo monolítico, no qual as diferenças individuais desapareçam, absorvidas pela uniformidade. Entretanto, ela também não deve ser apenas uma colação de indivíduos. É dela que surgem a força e o caráter coletivo que são diferentes da força e do caráter individual de cada um de seus membros”.* (Woodcock, 2002, p.117-118)

Proudhon defendia com vigor a idéia de liberdade individual e, também, a idéia de justiça, que foi tema de uma de suas principais obras: *De la Justice dans la Revolution et dans l'Église*. No entanto a fama de Proudhon se deve a seu livro *O que é a propriedade?*, que chegou inclusive receber elogios de Karl Marx, que anos mais tarde se tornaria seu grande inimigo.

Neste livro Proudhon denuncia o homem que usa sua propriedade para explorar o trabalho alheio sem qualquer esforço próprio. A propriedade é, segundo Proudhon, incompatível com a justiça, pois os produtores não têm os mesmos direitos sobre o produto de seu trabalho. A propriedade viola a igualdade, pois proporciona a uma minoria privilegiada um poder que acaba por levar a uma autoridade injusta. Uma vez que a propriedade acaba com a igualdade e impede a justiça, é preciso pensar em alternativas que modifique a organização social de modo a encarar a questão da propriedade sob outro prisma.

Assim, a partir do livro *O que é a propriedade?*, Proudhon vai começar a esboçar alguns elementos básicos que darão origem à doutrina libertária baseado em um sistema de contratos livres. O desejo de Proudhon era reconstruir a sociedade e não aboli-la.

Em 1843, Proudhon mudou-se para Lyon, uma cidade onde os operários eram bastante receptivos às idéias revolucionárias. Lá, existia um grande grupo de operários da indústria têxtil que pertenciam a uma sociedade secreta mutualista. Foi com este grupo que Proudhon se identificou. Primeiro porque entre eles não havia nenhum intelectual da classe média, e, segundo porque Proudhon percebeu, nas atividades que este grupo desempenhava a realização de sua idéia, de que o movimento para a reforma social só poderia ser iniciado pelo povo.

Proudhon acreditava que as contradições econômicas não poderiam ser eliminadas, mas deveriam ser transformadas numa igualdade dinâmica. Ele encontrou esta igualdade dinâmica no mutualismo que pregava a dissolução do governo, a distribuição da propriedade e a liberdade do crédito. Para ele a sociedade deve ser mantida em constantes transformações, não existindo conclusões imutáveis e nem respostas definidas.

Em 1848, Proudhon deixou Lyon e foi para Paris viver como escritor. A esta altura, sua reputação entre os operários já era grande. Neste ano Proudhon participou da Revolução de Fevereiro que derrubou a monarquia orleanista, por meio de um movimento de liberais e jacobinos. Neste ano, Proudhon investiu em três grandes projetos: a série de periódicos *Lé Représentant du Peuple*, a tentativa de criar um Banco do Povo e um sistema de câmbio mutualista. Em junho, candidatou-se à Assembleia Constituinte, sendo eleito com 77 mil votos. Ao se candidatar, Proudhon pretendia conseguir algum tipo de apoio oficial para criar o Banco do Povo. No entanto, nada conseguiu. Sua frustração como legislador acabou por aumentar sua descrença nos métodos políticos, ajudando a criar o antiparlamentarismo que foi herdado pelo movimento anarquista de um modo geral.

O discurso de Proudhon incomodava por demais as classes mais altas, mas, por outro lado, aumentava sua reputação entre os operários. Tanto que a circulação do periódico *Lé Représentant du Peuple* chegou a vender mais de 40 mil exemplares. No entanto, as autoridades não permitiriam que Proudhon explorasse esse sucesso, pois proibiram a circulação desse periódico alguns dias depois. Em novembro de 1848, Proudhon abriria um novo jornal, o *Le Peuple*.

Em Janeiro de 1849, Proudhon criou o Banco do Povo “que deveria ser uma instituição destinada a estimular a troca de produtos entre os trabalhadores através de

cheques de trabalho e fornecer crédito com taxas de juros nominais para cobrir os custos da administração” (Woodcock, 2002, p. 143). Desse modo, Proudhon pretendia tirar os artesões, camponeses e operários do sistema capitalista, a fim de se chegar a uma transformação pacífica da sociedade. Mesmo conseguindo reunir mais de 27 mil membros, o Banco do Povo nunca chegou a funcionar efetivamente devido aos problemas que Proudhon teve com seu jornal *Le Peuple*. Proudhon publicou dois artigos no qual acusava Luis Napoleão de conspirar para a escravidão do povo. A Assembléia o condenou a três anos de prisão e a uma multa de 3 mil francos. Ele fugiu indo para na Bélgica. Quando voltou, fechou o Banco do Povo, temendo que ele caísse em mãos erradas.

Apesar de viver disfarçado, Proudhon continuou a editar o *Le Peuple*, mas logo foi reconhecido por um policial e preso, em junho de 1849 o jornal foi fechado.

Proudhon descreve os anos que passou na prisão como “os melhores de sua vida”. Comia bem, podia receber a vista dos amigos, estudava, tinha inclusive permissão para sair uma vez na semana para cuidar de seus negócios. Ao sair Proudhon escreveu: “O que eu perdi? Se fizesse uma avaliação exata, diria que nada. Sei agora dez vezes mais do que sabia há três anos e dez vezes melhor. Não tenho dúvidas sobre o que ganhei e não sei, verdadeiramente, o que perdi” (Woodcock, 2002, p. 144).

Quando saiu da prisão, Proudhon retomou suas atividades jornalísticas e abriu seu terceiro jornal *La Voix du Peuple*, no qual fez mais sucesso que os outros dois, chegando a vender 60 mil exemplares. Mas, novamente devido aos constantes ataques a classe burguesa, o jornal foi fechado. Proudhon ainda teve ânimo para fazer uma quarta tentativa, mas fechou devido à falta de dinheiro.

Mesmo desistindo do jornalismo, Proudhon não deixou de divulgar suas idéias e passou a escrever livros, dentre eles *Lés Confessions d’um Révolutionnaire e Idéia Geral sobre a Revolução no século XIX*. Neste segundo livro, Proudhon critica a Revolução Francesa de 1789, pois afirma que esta se preocupou apenas em fazer uma revolução política e não econômica. Diante disso, Proudhon sugere a criação de associações, mas ressalta que a associação não deve ser considerada um fim em si mesma, pois assim, seria um perigo para liberdade. Para ele, a associação deve ser encarada como um meio para atingir um fim maior: a libertação do indivíduo. Junto com a idéia de associação, Proudhon destaca a idéia de contrato, como uma alternativa ao governo.

*“A idéia de contrato exclui a idéia de governo... Entre as partes contratantes haverá sempre, necessariamente, um interesse pessoal*

*mútuo; um homem barganha para assegurar, ao mesmo tempo, a sua liberdade e o seu lucro. Mas entre o governante e o governado, seja qual for sistema de representação ou delegações das funções governamentais adotado, há necessariamente uma alienação de parte da liberdade e dos recursos dos cidadãos". (Proudhon apud Woodcock, 2002, p. 148).*

Desta forma, Proudhon defende que as associações deveriam usar contratos ao invés de leis, de modo a abolir o governo e a efetivar a liberdade do indivíduo.

Os trabalhadores operários chegaram a propor a criação de um partido proudhoniano, mas Proudhon foi radicalmente contra, pois dizia que cada um deve pertencer ao partido que quiser desde que lhe seja permitido lutar, acreditar.

Em 1852, Proudhon foi exilado novamente por causa de sua obra *De La Justice dans la Révolution et dans l'Église*, sendo acolhido pela Bélgica. Anos mais tarde voltou à França e dedicou-se a escrever sobre o nacionalismo. Apesar de ser apaixonado por sua terra natal, Proudhon nunca chegou a ser um verdadeiro nacionalista. Acreditava que deveria haver uma união federal entre as regiões autônomas, sem governo centralizado e sem ambição nacionalista, pois julgava que a centralização impediria o progresso e o nacionalismo ameaçaria a paz e a Europa.

Apesar de não desenvolver com profundidade a importância da educação para o movimento anarquista, Proudhon é um filósofo que merece destaque, pois é enfático ao defender a revolução e, sabe que o sucesso da revolução depende da mudança de mentalidade dos homens.

*"A medida que o homem desenvolve sua capacidade de argumentar, ele se volta quase imediatamente contra a autoridade, e assim surgem o protesto, a desobediência e finalmente a revolta. A rebelião é canalizada pelo aparecimento da ciência política e pela compreensão de que as leis que fazem funcionar a sociedade não são matérias para a opinião dos governantes, mas que existe na natureza das coisas. Neste ponto surge a idéia de anarquia, o governo que não governo". (Woodcock, 2002, p. 126).*

Proudhon não foi o criador do movimento anarquista, mas com certeza foi um dos mais importantes criadores do conceito de anarquia.

## 1.2 – MICHAEL BAKUNIN

Michael Bakunin nasceu em 1814, na propriedade rural de Premukhino, na província russa de Tver. Seu pai, Alexander Bakunin era um liberal culto. Apesar de ter tido uma infância simples e calma, a família de Bakunin possuía posses. Ainda criança aprendeu diversas línguas, como o italiano, francês, alemão e inglês. Nesta época, todo o cavalheiro russo deveria ou fazer parte do exército ou trabalhar no serviço público e por isso foi mandado para a Escola de Artilharia de São Petersburgo. Não era um estudante aplicado. O tédio e o ressentimento contra a disciplina o tornavam cada dia mais descontente com a vida militar. Seu descontentamento era tão grande que Bakunin chegou a fingir uma doença de maneira tão convincente que acabou recebendo baixa do exército.

Até então, Bakunin havia uma postura de indiferença com relação às idéias revolucionárias. Aceitava bem o autoritarismo czarista que imperava na Rússia. Mas, os jovens intelectuais russos começaram a sofrer influências da Europa Ocidental. Apesar destas idéias serem severamente censuradas, elas acabaram chegando aos círculos literários da Rússia e de Moscou. Em 1839, Bakunin começou a ser afligido por uma forte angústia causada pelo sentimento de que *“sua própria existência como ser pensante dependia de obter acesso às fontes do conhecimento, o que lhe era negado pelas circunstâncias da sociedade czarista”* ((Woodcock, 2002, p. 166).

Em 1840, Bakunin deixou a Rússia e foi para Berlim, onde viveu por quase dois anos como um estudante entusiasmado que freqüentava os círculos intelectuais e a sociedade boêmia da cidade. Bakunin tinha a ambição de ser um professor de filosofia na Universidade de Moscou, mas as mudanças que se processavam dentro dele o levaria a outros caminhos.

No fim de 1841 fez uma viagem para Dresden, onde começou a ler obras de filósofos pouco ortodoxos. Foi com o livro *Socialismo e comunismo na França* de Lorenz von Stein que Bakunin finalmente se converteu ao ideal revolucionário social. Para comemorar sua conversão, Bakunin escreveu *Reação na Alemanha*, no qual tentou apresentar a doutrina de Hegel como sendo uma doutrina basicamente revolucionária. Apesar dessa iniciativa ser ingênua e genuína, ela carrega características peculiares de Bakunin que mais tarde se desenvolveria. Nela, Bakunin defende que o elemento destrutivo existe em todo o processo revolucionário e é através da destruição que se dará a criação ou recriação. Esta idéia de destruição se transformará num dos elementos mais

importantes da sua visão. Ele afirma: *“Atualmente a Revolução é vista como algo negativo, (...) mas quando triunfar passará automaticamente a ser positiva”* (Woodcock, 2002, p. 167).

No entanto, Bakunin carrega certa exaltação religiosa ao dizer:

*“Haverá uma transformação qualitativa, uma nova maneira de viver, uma revelação que será como dádiva de vida, um novo paraíso e uma nova Terra, um mundo jovem e poderoso no qual todas as nossas atuais dissonâncias serão resolvidas, transformando-se num todo harmonioso.”*(Bakunin apud Woodcock, 2002, p. 167).

Neste momento Bakunin ainda não pode ser caracterizado como um anarquista, pois não desenvolveu uma visão social que justifique e sirva de apoio para sua revolta instintiva contra tudo que parece ser permanente. Além disso, Bakunin carrega consigo certos elementos religiosos que de maneira nenhuma conjugam com o ideal libertário.

Mais tarde Bakunin conheceu um comunista alemão chamado Wilhelm Weitling que liderava uma sociedade secreta de operários suíços que acreditavam que uma revolução conduzida por uma impiedosa violência levaria a um mundo idílico e utópico. Bakunin passou a participar das atividades secretas desse grupo, deixando de ser apenas um rebelde teórico e se tornando um rebelde prático. Quando Weitling foi preso, o nome de Bakunin apareceu de forma comprometedor em seus papéis e ele fora chamado à Rússia para explicar seu comportamento. Bakunin recusou-se a ir e acabou sendo condenado ao exílio por tempo indeterminado na Sibéria.

Anos mais tarde foi parar em Paris onde acabou conhecendo Proudhon. Apesar de discordar de alguns pontos, como a posse individual das terras e as operações bancárias mútuas, Bakunin o considerava um autêntico revolucionário e o melhor de todos os filósofos socialistas.

Nos anos que se seguiriam, Bakunin dedicou-se à luta dos poloneses que estavam submetidos aos governos da Rússia e da Áustria. Bakunin participou ativamente das revoltas dos poloneses e acabou sendo preso. Chegou a ser condenado por duas vezes, mas conseguiu perdão. Foi neste momento histórico que Bakunin incorporou à sua luta a questão da liberdade e da revolução social. Enquanto esteve preso Bakunin escreveu uma carta secreta à sua irmã Tatiana, na qual destaca:

*"A prisão me fez bem. Ela me deu tempo livre e criou em mim o hábito de reflexão e serviu, por assim dizer, para fortalecer o meu espírito. Mas não mudou nenhum dos meus antigos sentimentos; pelo contrário, tornou-os mais ardentes e absolutos do que nunca e, daqui por diante, tudo que conta para mim na vida pode ser resumido a uma só palavra: liberdade." (Bakunin apud Woodcock, 2002, p. 175).*

No que se refere à questão da revolução social, Bakunin diz:

*"O mundo inteiro entendeu que a liberdade não passa de uma mentira, quando a grande maioria da população está condenada a viver na pobreza e quando, privada de educação, lazer e pão, seu destino é servir de degrau para os ricos e poderosos. Assim, a revolução social surge como uma consequência natural e necessária da revolução política" (Bakunin apud Woodcock, 2002, p. 173).*

No entanto, Bakunin acreditava que para que a liberdade e a revolução social fossem estabelecidas seria preciso um colapso total da sociedade. Seria preciso destruí-la e começar tudo de novo.

Apesar dos extraordinários esforços da família para tirar Bakunin da cadeia, ele ficou preso até 1857, onde foi mandado para o exílio, de novo na Sibéria onde por lá permaneceu por quase quatro anos. Lá participava, junto com outros políticos exilados, de uma aristocracia intelectual não oficializada. Casou-se com uma polonesa e arrumou um emprego numa agência de viagens. No entanto Bakunin não pretendia continuar vivendo na Sibéria por muito tempo e foi através desse novo emprego, que o russo colocaria em prática seu plano de fuga. Depois de algumas felizes coincidências, seu plano de fuga começou a dar certo e, em 1861, Bakunin conseguiu chegar à Londres.

Apesar dos doze anos de desligamento, seus sentimentos e suas teorias continuaram inalteradas. Bakunin voltou à ativa defendendo a causa polonesa e a revolução social com o mesmo fervor que as defendia no dia de sua prisão. E mais uma vez Bakunin se uniu aos poloneses que estavam partindo para a Lituânia com a finalidade de aglutinar mais forças rebeldes para atacar os russos. E novamente a tentativa não foi bem-sucedida e todo o entusiasmo de Bakunin pelo nacionalismo polonês se esfacelou.

No fim de 1863, o russo deixou Londres e foi para a Itália, onde se afluava o descontentamento tanto pela monarquia vigente, quanto pelo movimento nacionalista republicano que se concentrava na figura de Mazzini. Bakunin percebeu que neste momento, um apelo revolucionário social poderia gerar respostas positivas de todas as

classes sociais. Bakunin começou a se articular, Garibaldi enviou-lhe cartas de recomendação para que pudesse freqüentar os círculos republicanos e passou a organizar reuniões com revolucionários em sua casa, que acabou se tornando uma confraria secreta. A confraria tinha aproximadamente trinta membros e pretendia propagar a revolução social. Bakunin tinha a pretensão de transformar essa confraria, que se chamava Florentina, numa confraria internacional. Dizem que a confraria teve fim em 1865 quando Bakunin mudou-se para Nápoles. No entanto, assim que chegou na nova cidade, Bakunin conheceu vários italianos que aderiram às suas idéias e logo formaram uma Confraria Internacional, em 1866. Essa confraria os levaram ao anarquismo:

*“A confraria opunha-se à autoridade, ao Estado, à religião; defendia o federalismo e a autonomia comunitária; aceitava o socialismo, sob a alegação de que “o trabalho deve ser a única base para o direito humano e para a organização econômica do Estado”.*” ( Woodcock, 2002, p. 180).

A confraria também defendia que a revolução social não seria obtida por meios pacíficos. Apesar de ser uma organização de caráter anarquista, a confraria era organizada de forma hierárquica, onde quem ficava no topo desta hierarquia era a Família Internacional, formada por militantes experientes de todos os países, que seriam os autores dos planos para a Revolução.

Em 1867, Bakunin se tornou membro do Congresso de Genebra. O Congresso era formado, em sua maioria por liberais e tinha como proposta discutir a questão da liberdade, da justiça e da paz numa Europa ameaçada pelo conflito entre a Prússia e a França Imperial. Esse Congresso não tinha um caráter revolucionário, mas Bakunin aproveitou a oportunidade para que suas idéias saíssem da clandestinidade e fossem temas de discussão. No entanto, devido às suas idéias radicais, Bakunin não teve muito êxito no Congresso e partiu para uma nova empreitada, a Aliança Internacional da Democracia Social.

A Aliança era formada por grupos mais ou menos autônomos, reunidos em países diferentes que giravam em torno do Bureau Central de Genebra, comandado por Bakunin. Acreditava que era extremamente necessária a extinção completa dos governos nacionais e em substituição a esses governos criar-se-ia uma *“união mundial de associações livres, agrícolas e industriais”* (Woodcock, 2002, p. 185). A Aliança existia como um órgão anarquista que atuava dentro da Primeira Internacional como um grupo radical ativo.

Bakunin solicitou a admissão formal da Aliança como um organismo da Internacional. Marx tinha certo apreço por John Backer, um dos membros da Aliança, e, por isso, Bakunin o enviou a Londres para que ele transmitisse pessoalmente o pedido a Marx que controlava o Conselho Geral da Internacional. O pedido de admissão vinha com algumas exigências: os grupos locais da Aliança deveriam se tornar filiais da Internacional, mas não se desvinculariam do Bureau Central e os representantes da Aliança na Internacional deveriam promover suas próprias reuniões.

Diante de tais exigências, os membros que integravam o Conselho Geral da Internacional negaram o pedido de admissão da Aliança na Primeira Internacional. Bakunin aceitou a decisão do Conselho Geral. Em 1869, a Aliança foi dissolvida publicamente (sabe-se que a Aliança continuou atuando em segredo, mas não se sabe por quanto tempo) e os grupos autônomos foram transformados em filiais da Internacional. Mesmo filiados a Internacional esses grupos mantiveram-se fiéis à Bakunin que agora fazia parte da Internacional e representava a Aliança Social Democrática de Genebra, que mais tarde mudaria o nome para Seção de Propaganda. Foi neste momento histórico que começou a batalha política entre os partidários de Bakunin e os partidários de Marx. Até então, o principal conflito da Primeira Internacional era entre os mutualistas proudhonianos e seus opositores, entre eles comunistas, sindicalistas ingleses e blanquistas, que sofriam forte influência de Marx. Agora, Marx teria que enfrentar uma outra vertente do anarquismo proudhoniano.

Foi em setembro de 1869, no Congresso Internacional de Basel, que se travou a primeira batalha entre os bakuninistas e os marxistas. Bakunin tinha agregado poucos partidários, não possuindo muito apoio dos membros da Internacional, mas mesmo assim conseguiu derrotar os marxistas devido, primeiramente aos seus dotes de orador e, segundo pela defesa da extinção do direito de herança, que segundo ele, era o primeiro passo para a conquista da igualdade social e econômica. Os marxistas, por outro lado, defenderam a socialização dos meios de produção como garantia da igualdade social, mas pecaram ao aceitar o aumento dos impostos de transmissão. Apesar da vitória moral de Bakunin, sua defesa não foi incluída no Programa da Internacional, pois não conseguiu um número de votos necessários.

A partir daí o embate entre Bakunin e Marx se tornou cada vez mais intenso e acirrado. Bakunin e Marx tinham algumas coisas em comum: eram autocráticos e

defendiam a libertação dos pobres e oprimidos. Mas também possuíam aspectos bem diferentes, principalmente no que diz respeito ao âmbito político.

Marx era autoritário, centralista, defendia a participação política dos operários, tinha como objetivo conquistar o Estado e desejava a socialização dos meios de produção. Bakunin, por sua vez, era liberal, federalista, era contra a ação política, desejava a destruição do Estado e acreditava que o controle dos meios de produção deveria estar nas mãos da população, dos operários. Ambos concordavam que o objetivo principal do socialismo e do comunismo era a extinção completa do Estado, mas Marx afirmava que durante o processo de transição o Estado deveria ser mantido e controlado pelo proletariado. Bakunin defendia que o Estado deveria ser abolido tão logo isso fosse possível, mesmo que isso pudesse causar um caos temporário, pois segundo ele, era menos perigoso do que os males causados por qualquer que seja o Estado.

O Congresso Anual da Internacional não aconteceu no ano de 1870 devido à sublevação da Comuna de Paris. Em 1871, o Conselho Geral convocou uma conferência especial no qual boicotaram os partidários bakuninistas, sendo estes uma minoria quase insignificante na conferência. As resoluções do Conselho Geral foram aprovadas por unanimidade e a maioria delas ia contra Bakunin e seus seguidores. Uma delas era a necessidade de que os trabalhadores formassem partidos políticos e a outra resolução ameaça a permanência das filiais ou seções como integrantes da Internacional por considerar que essas filiais são organismos separatistas.

Indignados com essas resoluções, os suíços bakuninistas articularam um movimento na cidade de Sonvilliers no qual exigiam o fim do centralismo da Internacional e sua reconstituição como uma federação, formada por grupos autônomos.

O conflito entre libertários e autoritários se tornava cada vez mais intenso. O encontro de Sonvilliers exigiu a realização de um congresso plenário da Internacional. O Conselho Geral não teve como impedir a realização desse congresso, mas escolheu outra cidade, Haia, que gerou uma dificuldade de acesso aos representantes latinos e para o próprio Bakunin que não compareceu.

Esse congresso aconteceu em setembro de 1872. Marx esteve presente e lotou o plenário com seus partidários, mas enfrentou uma forte oposição que era composta não apenas por bakuninistas, mas também por libertários socialistas e sindicalistas britânicos que estavam descontentes com a centralização do Conselho Geral dentro da Internacional e que seus poderes deveriam ser diminuídos.

Marx apresentou uma proposta que surpreendeu até seus partidários, ele sugeriu que a sede do Conselho Geral da Internacional fosse transferida de Londres para Nova York, pois lá eles estariam salvos dos bakuninistas e dos blanquistas, pois os consideravam num tom eufemistas aliados perigosos. Além disso, Marx apresentou provas que mostravam que a Aliança continuava a funcionar clandestinamente na Espanha sob a orientação de Bakunin. Não sendo suficiente, Marx ainda apresentou no Congresso documentos que confirmavam a ligação de Bakunin com Sergei Nechayev, um jovem revolucionário, que era um nihilista fanático e acreditava que os fins justificam os meios. Marx pediu então a expulsão de Bakunin e mais dois de seus discípulos: James Guillaume e Adhemar Schwitzguébel.

As decisões tomadas no Congresso de Haia não foram aceitas pelos anarquistas bakuninistas. Eles se juntaram à Bakunin em Zurique e proclamaram a união livre das federações da Internacional.

Em 1872, Bakunin se afastou das ações revolucionárias, pois sua saúde andava abalada, vindo a falecer em 1876.

Bakunin foi um dos mais importantes revolucionários da história e do movimento anarquista. No entanto, é válido destacar que talvez, devido à sua idéia de destruição total do Estado, o anarquismo é frequentemente associado à desordem, ao caos e à bagunça.

*“A paz universal será impossível enquanto continuem a existir os atuais governos centralizados. Devemos desejar a sua destruição para que, sobre as ruínas dessas uniões forçadas organizadas de cima pelo direito de autoridade e conquista possam surgir uniões livres de comunas em províncias, de províncias em nações...”* ( Woodcock, 2002, p. 182).

Sua proposta não era provocar a desordem e tão pouco disseminar a violência. Bakunin tinha apenas uma visão radical, de que o Estado deveria ser completamente destruído, para que a sociedade fosse reconstruída de maneira igualitária e livre. Qualquer resíduo do Estado iria interferir na construção da igualdade social e econômica da sociedade. É importante frisar também, que Bakunin não era simpático às as ações políticas de caráter representativo. Preferiria muito mais participar ativamente das lutas e das revoluções. Era um anarquista que não estava preocupado em formar teorias, mas sim em colocar na prática aquilo que defendia e acreditava. Sua contribuição é inenarrável para o movimento.

### 1.3 – FRANCISCO FERRER Y GUARDIA

Francisco Ferrer y Guardia nasceu na Espanha, em 1859. Seus pais eram humildes e acreditavam na crença pregada pela Igreja católica e esperavam criar seu filho sob a mesma crença. Ao entrar na juventude, Ferrer começou a questionar seus pais, pois não entendia como aquele Deus que falava de bondade e de amor, amedrontava as pessoas com ameaças de torturas, sofrimentos e inferno.

Ferrer viveu e trabalhou sua vida toda em Barcelona e foi o criador da Escola Moderna da Espanha, considerada a melhor escola da vida. Era um simples professor de crianças, conhecido apenas pelos espanhóis, no entanto, logo após a sua morte, ficou conhecido no mundo todo. Em setembro de 1909, o governo espanhol, sob o comando da Igreja Católica prendeu Ferrer y Guardia. Em outubro do mesmo ano, depois de um julgamento forjado, Ferrer y Guardia foi fuzilado e imediatamente o espanhol saiu do anonimato e passou a ser uma figura universal que despertou a ira das civilizações contra o governo espanhol.

Ferrer y Guardia não era apenas uma pessoa que tinha dúvidas com relação à crença da Igreja Católica, mas era, também, um revolucionário ativo que participou com fervor da campanha republicana, liderada por Villacampa contra o governo. Apesar de ter lutado com os republicanos, Ferrer nunca foi um deles. Tinha certas objeções às propostas republicanas, mas, acreditava que eram muito melhores do que o regime castrador da Igreja Católica, que, segundo ele era inimiga do progresso e do liberalismo.

Os rebeldes republicanos espanhóis foram fortemente repreendidos, sendo perseguidos, presos e torturados. Os que conseguiram escapar se refugiaram em outros países. Francisco Ferrer y Guardia foi um deles e acabou indo para a França.

A França era o berço da liberdade, onde as idéias de revolução afluíam intensamente e Ferrer logo se inseriu nos movimentos liberais. Lá, Ferrer conheceu a Escola Moderna da França, que ficava na cidade de Montmartre.

No período em que viveu na França, Ferrer percebeu a importância de um novo tipo de educação ao constatar que a formação fornecida pela família e pela escola era cheia de preconceitos, de tradições e dogmatismos, o que fazia com que o indivíduo ingressasse na sociedade com uma mente deformada, cheia de preconceitos.

A Escola Moderna da França foi criada muito antes da geração de Ferrer por uma mulher chamada Louise Michel, que buscava a libertação do indivíduo das garras do governo.

*“Se consciente ou inconscientemente, nossa grande Louise sentiu, muito tempo atrás, que o futuro pertence às jovens gerações; que a não ser que os jovens sejam resgatados daquela instituição que destrói corpo e mente, a escola burguesa, o mal continuará a existir (...) A criança, no entanto, não tem tradições para superar. Sua mente não está carregada de idéias predeterminadas, seu coração não cresceu frio, com distinções de classe ou casta. A criança é, para o professor, o que a argila é para o escultor. Se o mundo receberá um trabalho artístico ou uma ordinária imitação, dependerá, em grande medida, do poder criativo do professor” (Goldman, 2006, p. 27).*

Assim como o espanhol, Louise era uma revolucionária fervorosa e por causa de sua devoção aos oprimidos foi presa e a pequena escola deixou de existir. Anos mais tarde, Paul Robin, que também era um libertário, retomou o projeto da Escola Moderna em Cempuis, uma cidade perto de Paris.

Com sua Escola Moderna, Robin pretendia demonstrar com fatos atuais que a concepção burguesa de herança é apenas um pretexto para isentar a sociedade de seus crimes contra os jovens. Ele juntou todas as crianças (meninos e meninas) abandonadas que encontrara e levou-as para Cempuis, onde passou a cuidar educá-las.

Uma outra iniciativa que influenciou Ferrer, enquanto ele esteve na França, foi a La Ruche, fundada por Sebastián Faure, que também tinha uma proposta libertária de educação.

Ferrer y Guardia viu tanto a face teórica dessa nova proposta de educação como sua aplicação prática e pensou que a Espanha precisava de um modelo escolar semelhante para livrar os jovens das idéias castradoras da Igreja Católica. Sua intenção de construir uma Escola Moderna na Espanha não tardou a se realizar. Ferrer y Guardia conheceu uma rica senhora chamada Meunier que se interessou pelo projeto de Ferrer. Quando morreu, Meunier deixou para ele algumas valiosas propriedades e uma renda anual de doze mil francos para a escola.

A Igreja Católica soube disso e logo começou a espalhar mentiras nos jornais católicos, afirmando que Ferrer havia se aproveitado de suas intimidades com a falecida Meunier para apropriar-se de sua fortuna. Meunier era apenas uma aluna de Ferrer que o admirava e via nele uma pessoa dotada de um gênio para a vocação de professor. Não

havia nenhum relacionamento íntimo entre os dois, mas a Igreja Católica não era (e ainda não é) capaz de olhar a mulher como algo diferente de uma mercadoria sexual e por isso, difamou a figura de Ferrer y Guardia com calúnias infundadas.

Ferrer voltou à Espanha e lá deu início ao projeto de construir uma Escola Moderna. Em 9 de setembro de 1901, Ferrer concretizou seu projeto e foi aberta a primeira Escola Moderna da Espanha. A escola foi recebida com entusiasmo pelo povo de Barcelona. Ao apresentar seu discurso aos amigos, Ferrer declarou:

*“Eu não sou um orador, nem um propagandista, nem um lutador. Eu sou um professor; eu amo as crianças, acima de tudo. Creio que eu as entendo. Quero que minha contribuição para a causa da liberdade seja uma jovem geração, pronta para enfrentar uma nova época” (Ferrer y Guardia apud Goldman, 2006, p. 30).*

Seus amigos o advertiram, pedindo para que tomasse cuidado com a Igreja Católica, pois sabiam do que ela era capaz de fazer para acabar com um inimigo. Ferrer também sabia do perigo que a Igreja representava, não apenas para ele, mas para todas aquelas crianças que agora faziam parte da Escola Moderna e decidiu que seria honesto e aberto com as crianças.

Desde o primeiro dia de funcionamento da Escola Moderna, Ferrer sentia-se perseguido. Sabia que o prédio da escola era vigiado noite e dia. Sua pequena casa em Mangat também. Todos os seus passos eram seguidos e observados. Até mesmo quando saía da Espanha e ia até a França ou Inglaterra trocar idéias com seus amigos, sentia que estava sendo observado. Ferrer sabia que o inimigo o pegaria. Era apenas uma questão de tempo.

Em 1906, a Igreja quase conseguiu incriminar Ferrer, quando tentaram envolvê-lo no assassinato de Alfonso XIII. Ferrer era casado com Léopoldine Bonnard, mas separou-se dela para se casar com uma jovem professora da escola, Soledad Villafranca. De acordo com algumas informações, esta última era amada pelo ex-bibliotecário Mateo Morral. Especula-se que ele teria sido o autor do atentado contra a carruagem nupcial de Alfonso XIII e disseram que ele fora incentivado por Ferrer y Guardia. Mas nesta ocasião, Ferrer tinha uma prova muito forte de que o isentava de qualquer participação no assassinato e foi absolvido.

Em julho de 1909, houve um levante antimilitarista na Espanha. O povo espanhol, depois de tanto tempo sendo oprimido, resolveu rebelar-se contra o despotismo da Igreja e

das autoridades. Ferrer Y Guardia recusou-se a participar dessa revolta, pois segundo ele seria uma matança desalmada sem nenhuma utilidade prática. Mesmo assim a Igreja deu um jeito de envolver o nome de Ferrer no levante e ele foi preso em 1º de setembro de 1909.

Mesmo com a prisão, Ferrer tinha uma ponta de esperança de que não seria condenado à morte, mas essa esperança se desfez em 4 de outubro, quando o promotor pediu sua pena de morte e em 13 de outubro de 1909, na prisão de Montjuich Ferrer foi fuzilado.

O mais curioso da história de Ferrer y Guardia é que sua morte e sua prisão não são justificadas por sua participação no levante antimilitarista, pois todos sabiam inclusive a Igreja Católica, que não havia nenhuma prova que ligasse o professor espanhol à revolta. Ferrer foi preso e morto sob a acusação de ter organizado escolas atéias e de ter divulgado literatura atéia. No entanto, estas acusações não eram suficientes para prender ou matar uma pessoa. Era preciso algo mais. O levante antimilitarista foi a oportunidade que a Igreja precisava para justificar sua prisão e sua morte.

Em oito anos, Francisco Ferrer y Guardia organizou 109 escolas na Espanha, construiu uma moderna gráfica e organizou uma equipe de tradutores. Com esses instrumentos, Ferrer conseguiu difundir mais de 150 mil cópias de obras de ciência e de sociologia moderna, além de livros racionalistas. Mais adiante falaremos sobre a proposta pedagógica da Escola Moderna da Espanha.

## CAPÍTULO II

Neste capítulo dissertaremos brevemente sobre experiências educacionais que adotaram uma perspectiva pedagógica libertária: a Escola Moderna da Espanha; a Escola Moderna de São Paulo; a Universidade Popular e a Paidéia.

### 2.1 – A ESCOLA MODERNA DA ESPANHA

A Escola Moderna da Espanha foi fundada em 1901 e durou até 1909, quando seu fundador, Ferrer Y Guardia foi morto injustamente pelo governo vigente que estava sob o controle da Igreja Católica. Esta escola ficou conhecida como uma escola da vida, pois buscava uma educação integral, de forma a desenvolver na criança todas as suas faculdades: física, intelectual e moral.

Ao fundar a Escola Moderna da Espanha, Ferrer pretendia implantar uma escola que não trabalhasse com limitações e dogmatismo, buscando fundamentar o conteúdo curricular na ciência. A educação deveria ser baseada sempre na razão científica, pois esta levaria o homem à liberdade.

Um dos principais problemas que Ferrer Y Guardia encontrou ao fundar a escola foi a formação do quadro docente. Não havia na Espanha professores capacitados para lecionar dentro de um ensino com princípios científicos e racionais, como era o caso da Escola Moderna. Foi criada então uma Escola Normal racionalista para a formação de professores, onde se matricularam inúmeros jovens, de ambos os sexos. O único pré-requisito para se matricular era que o aluno deveria ser desprovido de qualquer tipo de superstição ou crença. Ferrer critica as escolas que impõem horários e regras para as atividades escolares. Para ele, o professor tem a liberdade para exercer suas funções educativas de acordo com as demandas e interesses de seus estudantes. O professor deve possibilitar o pleno desenvolvimento das faculdades intrínsecas de todos os estudantes, conforme seus interesses.

O Programa da escola destacava que uma das metas era fazer com que meninos e meninas se tornassem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres. Para tal o ensino deve estar baseado nas ciências naturais, pois ela estimula as atitudes próprias de cada um, para que com seu valor individual, cada aluno seja um membro útil na sociedade. Sob este

aspecto, percebemos não apenas a questão da autonomia como também a educação de ambos os sexos.

A escola aceitava crianças de ambos os sexos, a partir dos cinco anos de idade. Para Ferrer, meninos e meninas devem ter a mesma educação, pois a natureza, a história e a filosofia ensinam que a mulher e o homem são seres humanos iguais. Esta idéia de igualdade entre os sexos surgiu no Iluminismo, durante a Revolução Francesa, que tinha como lema “igualdade, fraternidade e solidariedade”.

A cada pai que ia inscrever seu filho na escola, Ferrer pedia que inscrevesse também sua filha. Dessa maneira, Ferrer tornava pública a educação de meninos e meninas. A finalidade da co-educação consistia em proporcionar a ambos os sexos o desenvolvimento da inteligência, a purificação do coração e a fortificação das vontades.

Ferrer critica a cultura tradicional patriarcal, pois ela defende que a mulher deve estar sob o domínio do homem, lhe negando autonomia. Segundo esta cultura tradicional, a mulher é conservadora e dotada de sentimentos, enquanto o homem cultiva o pensamento e o espírito progressivo.

Ao contrário disso, Ferrer diz que a mulher é a companheira do homem. Ela não deve ficar reclusa ao lar, mas deve aprender em quantidade e qualidade os mesmos conhecimentos que são passados aos homens.

Além da co-educação dos sexos, Ferrer defendia, também, a co-educação das classes sociais. Este é um tema delicado, pois aponta dois aspectos fundamentais na formação do homem. Segundo ele, uma escola para ricos não é uma escola racional, uma vez que ela é exclusivista. Uma escola para meninos pobres também não é uma escola racional, pois corre o risco de cultivar o ódio nas crianças. Se a escola não lhes ensinasse a submissão e a credulidade, ensinar-lhes-ia a rebeldia, o que provocaria o ódio.

A declaração revolucionária diz que todos os homens têm todos os direitos iguais garantidos. Sendo assim, não pode haver diferenças sociais, mas se elas existem, então é natural e racional a rebeldia. Segundo Ferrer, os explorados têm que ser rebeldes, porque têm que reclamar os seus direitos até atingir sua completa e perfeita participação no patrimônio universal.

No entanto, a Escola Moderna não tem como proposta formar rebeldes, mas sim preparar meninos para que se tornem homens. Não se devem antecipar nas crianças sentimentos de amor e ódio, adesão ou rebeldia, que são deveres e sentimentos próprios dos adultos. Devem-se formar homens com capacidade e coragem para assumir a rebeldia

quando chegar a hora. Mas enquanto criança é preciso manter a neutralidade e deixar que a própria criança descubra, por si só, o caminho da liberdade e da justiça.

Ferrer acredita que a escola que coloca meninos pobres e ricos, em contato uns com os outros e propõe que entre eles haja uma igualdade baseada na razão humana, esta sim é uma escola boa, necessária e reparadora. Esta é uma das principais propostas da Escola Moderna da Espanha.

A Escola Moderna se propõe a praticar a co-educação de meninos e meninas, de ricos e pobres. Por isso não deve estabelecer novas desigualdades, dando prêmios ou castigos. A prática de premiar os que acertam e de castigar os que desobedecem é uma prática do ensino religioso e industrial. Ferrer também critica a aplicação de exames ou provas, pois eles classificam e comparam os indivíduos, gerando desigualdades e competitividade. Além disso, Ferrer destaca que o exame serve para satisfazer o amor próprio dos pais dos alunos que querem ver seus filhos no primeiro lugar.

Um terceiro aspecto importante é a questão da higiene escolar. Centenas de crianças reunidas na escola compartilhavam dos mesmos alimentos, banheiros, materiais escolares e por causa disso ficavam expostas ao contágio de inúmeras doenças infantis, como tuberculose, sarampo, catapora, conjuntivite, entre outras. Desta forma, a escola estabeleceu procedimentos para a proteção da saúde dos alunos e dos professores.

A manutenção da saúde e de um ambiente limpo são condições fundamentais e indispensáveis para a realização de uma prática educativa eficaz. Segundo Ferrer, era de responsabilidade da escola trabalhar com as crianças práticas higiênicas. A escola oferecia conferências semanais que abordavam questões de higiene e saúde. Além disso, todos os alunos, ao ingressar na escola passariam por uma inspeção médica para evitar a propagação de doenças contagiosas. Esta inspeção médica também deveria contemplar outros aspectos, como por exemplo, vistoriar a salubridade do edifício (iluminação, ventilação, calefação etc.). A escola também fazia uma investigação das condições gerais de saúde de cada criança no sentido de detectar possíveis doenças e prevenir o contágio. Fazia-se também uma avaliação periódica do funcionamento orgânico e do crescimento de cada criança, com a finalidade de detectar complicações como miopia e escoliose.

Os jogos também constituem uma das propostas pedagógicas da Escola Moderna. Segundo Ferrer, a prática dos jogos é fundamental e indispensável para o desenvolvimento físico e mental das crianças em idade escolar, pois representam a possibilidade de conciliar a necessidade da criança de desempenhar uma livre atividade física, com a aprendizagem

por meio do raciocínio lógico que faz parte de sua dinâmica. Ferrer também entendia que o jogo bem dirigido se convertia em trabalho, da mesma forma que todo trabalho bem executado se transformaria num jogo. O professor explica que isto acontece porque o jogo se constitui num meio para a experimentação de habilidades, além de aprimorar o aprendizado teórico de uma maneira prática. Além disso, alguns jogos têm o potencial de desenvolver um sentido altruísta em seus participantes, através de dinâmicas cooperativas e solidárias, contribuindo assim, para o desenvolvimento do caráter individual do educando e para preparando-o para situações concretas da vida adulta.

A única ressalva que Ferrer faz é que o professor tem que estar atento para que os jogos não estimulem a competição. Isto é extremamente nocivo para a mente e para o coração do homem.

A Escola Moderna não se limitava à ação pedagógica. Seu objetivo primordial era a instrução popular que se dava através de conferências dominicais públicas que deveriam acudir os alunos, as famílias e os trabalhadores. As primeiras conferências não tiveram muito sucesso, pois não havia uma continuidade, devido à incompetência dos palestrantes. De vez em quando, por falta de palestrantes, aconteciam interessantes leituras que suprimiam as conferências orais e, algumas vezes, eram até mais produtivas. No entanto, as conferências tinham um lado positivo e, aproveitando este lado, o Dr Andrés Martinez Vargas e o Dr. Odón de Buen, dois espanhóis colaboradores da Escola Moderna e amigos de Ferrer, criaram uma Universidade Popular gratuita para o povo que destacava, entre outros aspectos, que o Estado vende a ciência para a juventude privilegiada e que esta ciência não deve ser disponibilizada somente a uma classe. É direito de todos terem acesso à ciência.

Com a criação dessa Universidade Popular, as conferências dominicais passaram a ter continuidade e regularidade. Cada domingo tinha uma palestra diferente. Enquanto o Dr. Martinez trabalhava fisiologia e higiene, o Dr. Buen trabalhava geografia e ciências naturais. Suas palestras ficaram conhecidas como “missa da ciência” devido a assiduidade dos alunos.

A Escola Moderna possuía um informativo que continha dados estatísticos, estudos pedagógico de seus próprios professores, notícias do progresso do ensino no país e de outros, traduções de artigos e periódicos estrangeiros, resumo das conferências dominicais e anúncios da biblioteca. No início, os informativos eram distribuídos apenas para os alunos, mas foram se alastrando e acabaram tomando a forma de uma revista filosófica. A

Prefeitura suspendeu a circulação dos informativos da Escola Moderna, mas um ano depois, em 1908, os informativos voltaram a ser divulgados. Ferrer alegava que os informativos tinham o propósito de unir a competência pedagógica dos alunos a uma visão de ideal de ensino.

A escola Ateneo Obrero, que também era uma escola com propostas pedagógicas libertárias criou uma caixa de poupança que era administrada pelos alunos e visava economizar dinheiro. A Escola Moderna não quis seguir esse exemplo, pois tinha um conceito diferente de economia. Para Ferrer, economia significava uso prudente e metódico dos bens; poupança significa redução e limitação do uso desses bens. Ensinar economia às crianças, é, segundo Ferrer, querer convertê-las em vítimas e cúmplices da desordem econômica da sociedade capitalista. O trabalho deve ser visto como um desejo natural de conquistar um resultado, e não como um esforço para se conseguir dinheiro. A má concepção de educação desperta a aversão ao trabalho pois o encara como um meio de ganhar dinheiro e não como um instrumento para se alcançar um objetivo. O homem deve trabalhar para ser útil ao seu semelhante. A educação racional deve preservar no homem o desejo de querer pensar; o conhecimento teórico vai aos poucos dando lugar para o conhecimento prático, começando a introduzir nas crianças o conhecimento pelo trabalho manual. As crianças, assim como os adultos, têm uma necessidade ativa de trabalhar. Um trabalho (jogo) bem organizado, disciplinado e lógico irá constituir o que Ferrer chama de educação completa.

Ferrer constituiu uma junta consultiva que o ajudava a dirigir a escola. Em 1901, ano de sua criação, a escola tinha 30 alunos (12 meninas e 18 meninos). Em 1903 o número de alunos subiu para 114. Neste mesmo ano Ferrer fundou um jornal chamado “La Huelga General”, que significa “A Greve Geral”.

O educador acreditava que a educação das crianças deveria estar constantemente se renovando, e, segundo ele, existem duas formas de se fazer isso: a primeira seria trabalhar para transformar a escola a partir de estudos sobre a criança; a segunda seria fundar escolas novas onde sejam aplicados os princípios formadores da sociedade e do homem.

Sem dúvida Ferrer Y Guardia foi um dos principais educadores que ousaram colocar na prática os princípios da educação libertária. A Escola Moderna da Espanha é o maior exemplo de escola libertária existente.

Outras Escolas Modernas foram criadas em outros lugares do mundo, inclusive aqui no Brasil, como veremos adiante.

## 2.2 – A ESCOLA MODERNA DE SÃO PAULO

A Escola Moderna nº.1 de São Paulo foi uma iniciativa educacional de caráter libertário no Brasil, que buscava seguir o modelo da Escola Moderna da Espanha.

Em 1909 foi criado um Comitê Organizador que planejou cuidadosamente a criação da Escola Moderna. Nesta época, muitas iniciativas libertárias fracassavam por falta de recursos econômicos, por isso, o Comitê teve a preocupação de providenciar tais recursos a fim de se evitar a descontinuidade das atividades da Escola Moderna. Além disso, o Comitê providenciou o material escolar necessário e apropriado, e cuidou para que as investidas policiais não prejudicassem o andamento da Escola. Por causa disso, a nova instituição só foi ser inaugurada anos mais tarde, em 13 de maio de 1912, durando até novembro de 1919.

A direção da Escola foi entregue a João Penteadó, seguidor das idéias Kropotkinianas e admirador da obra educacional de Francisco Ferrer Y Guardia, Espanha.

Há uma dificuldade muito grande de se encontrar registros e documentos que esclareçam aspectos importantes do cotidiano da escola, como por exemplo, os materiais didáticos utilizados e o sistema de avaliação implantado. Também não se sabe qual era a situação econômica das famílias das crianças da Escola Moderna nº. 1 de São Paulo. Sabe-se, no entanto, que a escola era destinada a filhos de operários, mas, como era inspirada nos princípios educacionais de Ferrer, no qual defendia a co-educação social, a escola aceitava também filhos de pequenos negociantes.

A Escola Moderna nº. 1 de São Paulo serviu de paradigma para as atividades educacionais do movimento anarquista. A composição do grupo envolvido na organização da escola era bastante heterogênea, pois sua proposta despertou o interesse de várias pessoas, inclusive de pessoas que não eram, ou melhor, que não se diziam anarquistas. O Comitê Organizador não escondia sua heterogeneidade, ao contrário disso, sempre se via nos jornais da época o nome de seus membros, que era formado por: um guarda-livros (Leão Aymoré), um negociante (José Sanz Duro), dois industriais (Dante Ramenzoni e Pedro Lopes), um artífice (Tobian Boni) e cinco jornalistas que eram mais conhecidos como militantes anarquistas (Luiz Damiani, Edgar Leuenroth, Eduardo Vasimon. Neno Vasco e Orestes Ristori)

No final de 1909, o Comitê Organizador publicou uma circular expondo ao público o programa da Escola Moderna, a metodologia utilizada para arrecadar fundos e as bases

do ensino racionalista. É importante destacar que ao divulgar esta circular a Escola Moderna a destina a todos os homens emancipados e não apenas à classe operária. Desta forma, fica claro que ela não se limita apenas à classe trabalhadora, mas a todas as pessoas que simpatizavam por sua proposta.

A circular também revela que o desejo da Escola Moderna é o de

*“Libertar a criança do progressivo envenenamento moral que por meio de um ensino baseado no misticismo e na bajulação política, lhe comunica hoje a escola religiosa ou do governo; provocar, junto com o desenvolvimento da inteligência, a formação do caráter, apoiando toda a concepção moral sobre a lei da solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livrá-lo das teias das congregações ou do Estado, para que sem medo e sem restrições lhe seja possível ensinar honestamente, não falseando a história e não escondendo as verdades científicas (...). Enfim, a Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estudou, porque refletiu, porque analisou, porque fez a si mesmo uma consciência própria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como fonógrafos as verdades de Moisés e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano .”(A Terra Livre apud Luizetto, 1986, p. 32)*

Por se tratar de um Comitê Organizador heterogêneo, a questão econômica não era um problema. Muitos organizadores, admiradores da obra de Ferrer e simpatizantes das propostas libertárias contribuíam fazendo doações. Cada um contribuía com o que podia. Além dessas contribuições, a escola angariava recursos através de festas, quermesses e conferências. A Escola também cobrava uma mensalidade dos alunos que variava entre \$3, \$4 e \$8. Esses valores estavam de acordo com o curso que o aluno estava matriculado. Com esses recursos a escola pretendia fundar uma editora de livros escolares, a compra de um prédio próprio para abrigar a escola e a contratação de “professores idôneos” para dirigi-la.

João Penteado encaixava-se bem no ideário de “professor idôneo” requerido pelo Comitê. Em seu currículo lia-se que sua instrução era primária e autodidática. Sua carreira de professor iniciou-se numa escola do município de Jaú. Trabalhou em outras escolas até associar-se ao Centro operário da cidade de Jaú, onde começou a ser redator do jornal *O Operário*. Nos artigos que escrevia, percebe-se claramente que ele já conhecia as propostas libertárias de Kropotkin, Ferrer y Guardia, Malatesta, entre outros. João Penteado foi diretor da Escola Moderna nº. 1 de São Paulo desde sua criação, em 1912 até o seu fechamento, em 1919. Em 1917, Penteado se afastou da escola e foi substituído por

Florentino de Carvalho, um outro militante anarquista que teve importante atuação no movimento.

A Escola Moderna nº. 1 de São Paulo oferecia três cursos: primário, médio e adiantado, no período diurno (das 11h30min às 16h30min) e no período noturno (das 19h às 21h).

O curso primário era constituído pelas seguintes disciplinas: rudimentos de Português, aritmética, caligrafia e desenho. O curso médio era composto por gramática, aritmética, geografia, princípios de ciências, caligrafia e desenho. Já o curso adiantado possuía gramática, aritmética, geografia, noções de ciências físicas e naturais, história, geometria, caligrafia, desenho e datilografia. Para as meninas era oferecido também, curso de trabalhos manuais, como costura e bordado.

A Escola Moderna de São Paulo pretendia seguir a risca o modelo da Escola Moderna de Barcelona. O jornal *A Plebe*, em uma de suas edições destaca que a escola pretendia proporcionar um:

*“Ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilita para o início das atividades intelectuais e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo científico.” (A Plebe apud Luizetto, 1986, p. 35)*

O jornal *O Início*, também destaca em uma de suas edições uma característica da Escola Moderna nº. 1 que se baseava na Escola Moderna de Ferrer y Guardia. O artigo dizia que a escola almejava propiciar uma

*“Educação aliada a uma instrução de acordo com a razão e com a verdade (...) cultivar os sentimentos de amor pela paz, pela instrução, pelas letras e pela humanidade, fazendo despertar na infância o desejo de uma vida fraternal, humana, livre dos prejuízos resultantes das convenções sociais.” (O Início apud Luizetto, 1986, p. 36)*

Os artigos do jornal *O Início* eram elaborados e publicados pelos alunos da escola. Com esta iniciativa João Penteado pretendia estimular a prática da cooperação e da solidariedade. O jornal destinava-se, principalmente, a dar publicidade aos trabalhos preparados pelos alunos e fornecer informações gerais sobre a escola e sobre suas atividades. O jornal era mantido com os recursos dos próprios alunos, com a ajuda de

terceiros e com o incentivo da escola. Tinha a pretensão de se tornar mensal, mas tal objetivo não conseguiu ser alcançado, por isso, ele era publicado somente quando os recursos arrecadados fossem suficientes para pagar os gastos. No entanto, durante os sete anos e meio de duração, o jornal só foi publicado três vezes, contrariando as expectativas dos alunos.

O Boletim de Escola Moderna era elaborado pelo próprio diretor da escola, João Penteado e pretendia representar e fazer propaganda da iniciativa educacional dos anarquistas como um todo. A publicação do Boletim finalizou completamente a publicação do jornal *O Início*, pois seria muito difícil sustentar duas publicações ao mesmo tempo. O Boletim também tinha o objetivo de ser mensal, mas foram publicadas apenas quatro edições. Suas publicações estampavam várias notícias referentes à escola, como por exemplo, lista dos alunos matriculados, balanços financeiros, dados quantitativos, como frequência dos alunos e dias letivos, mas a maioria dos artigos dizia respeito aos propósitos da Escola Moderna.

Um outro documento importante é o *Inventário da Escola Moderna nº. 1*, que revelava os materiais escolares e os equipamentos utilizados. Esse documento é um texto manuscrito, encontrado nas páginas de um caderno de um aluno. Havia 59 equipamentos assinalados, entre eles, cadernos e livros de história, gramática, Atlas geográficos, material para ginástica, coleção de sólidos, globos geográficos, manuais de botânica, projectoscópio entre muito outros materiais.

A rotina da escola incluía “exercícios epistolares”, “descrições” e “excursões”. Tais atividades também seguiam o modelo da Escola Moderna de Barcelona. Essas tarefas faziam com que os alunos praticassem a redação. Nas descrições, por exemplo, os alunos tinham que observar qualquer coisa ou situação, dentro ou fora da escola, que lhe chamasse a atenção e deveria fazer uma descrição do que foi observado.

Em 1919 a Escola Moderna e muitas outras escolas de caráter libertário foram fechadas. Neste ano os anarquistas sofreram repressões severas do governo, pois circulava, no Rio de Janeiro, a informação de que eles estariam articulando uma conspiração para derrubar o governo. Para as autoridades de São Paulo essa informação parecia ser verdadeira, pois em outubro deste ano, quatro anarquistas foram vítimas de um acidente quando manipulavam materiais explosivos no Rio de Janeiro. Entre as vítimas estava José Alves, um anarquista que, com a ajuda de João Penteado havia fundado recentemente a Escola Moderna de São Caetano.

O cerco policial contra as Escolas Modernas se estreitou ainda mais e em 19 de novembro de 1919 João Penteado recebeu um ofício assinado pelo Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, Oscar Thompson, que comunicava a cassação da autorização de funcionamento concedida à Escola Moderna nº. 1. A partir deste dia estava proibido o funcionamento da Escola Moderna nº. 1 e da Escola Moderna nº. 2. No ofício, o Diretor Geral alegava que as duas escolas estavam em situação irregular, pois não tinham alguns documentos. Além disso, argumentava que a escola visava “a programação de idéias anárquicas e a implantação do regime comunista, ferindo de modo iniludível a organização política e social do país” (LUZIETTO, 1986, p. 45). João Penteado ainda recorreu na justiça, mas não obteve sucesso.

No entanto, sabe-se que o incidente de José Alves foi apenas um pretexto para se fechar a escola. Seu futuro, e o futuro de outras instituições anarquistas já estavam ameaçados há tempos.

Desde então o movimento anarquista veio se enfraquecendo. As instituições de caráter libertário foram fechando, ou por cassação do governo ou por falta de recursos para a sua manutenção. O que se sabe é que o movimento se enfraqueceu tão rapidamente que depois da década de 30, pouco se ouviu falar em anarquismo.

### **2.3 – A UNIVERSIDADE POPULAR**

Antes de iniciar a discussão sobre a Universidade Popular, gostaria de destacar que esta iniciativa anarquista tem sido meu objeto de pesquisa desde Agosto de 2006 e que tive enormes dificuldades em encontrar dados consistentes sobre a atuação da Universidade. Tive duas principais fontes de pesquisa: *Os Libertários* de Edgar Rodrigues e *História do Anarquismo no Brasil* de Rafael Borges Deminis e Daniel Aarão Reis Filho. É importante frisar que as datas apresentadas por estes autores não coincidem e que, até o momento, não encontrei uma terceira fonte que confirmasse uma provável data. Portanto, as datas apresentadas não são confirmadas, sendo apenas prováveis.

A Universidade Popular foi uma iniciativa anarquista e surgiu a partir da conscientização dos operários de reivindicarem melhores condições de vida. Muitos intelectuais, inclusive os que não se diziam anarquistas como, por exemplo, Elísio de Carvalho, estiveram por trás da sua criação.

Os anarquistas possuíam duas fortes armas de luta: as greves e a imprensa. Naquela época, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil e o maior centro industrial do país: possuía 662 estabelecimentos industriais, principalmente no setor têxtil e de alimentos e empregava cerca de 35.000 operários. Apesar disso, as condições de trabalho oferecidas eram muito precárias.

Mas o movimento anarquista se articulava e tentava reverter essa situação. Muitos jornais, artigos e periódicos de cunho libertário surgiram e buscavam despertar no proletariado um sentimento de revolta e de luta por melhores condições de vida e de trabalho.

Em 1900, depois de uma greve geral dos cocheiros, o editor do jornal *O Protesto*, que assinava pelo nome de Suvarine, desabafa dizendo que “*enfim [...] já neste povo ignorante e carneiro, germina a Rebeldia.*” (Deminis e Reis Filho, 2006, p.204).

Em 1902, o jornal *O Amigo do Povo*, de São Paulo publica uma nota do militante anarquista Mota Assunção sobre o comportamento dos operários diante da comemoração do 1º de maio:

*“O movimento operário do Rio de Janeiro parece inclinado agora a abandonar seu infantilismo habitual para entrar no caminho da realidade que é o da luta.”* (Deminis e Reis Filho, 2006, p.204).

As greves aconteciam com muita frequência, mas sempre eram violentamente reprimidas pela polícia e pelo exército. Em 1903 houve a greve da categoria mais numerosa do proletariado, os tecelões. A greve começou com três fábricas de tecidos. Ao serem chamados para o pagamento, os operários não comparecem e foram demitidos. Os alfaiates, os chapeleiros e os motorneiros também entram em greve. Todos reivindicavam reajuste salarial, suspensão da fiscalização secreta e diminuição da carga horária diária, que em algumas fábricas chegavam às 15 horas. Os grevistas então começaram a queimar bondes, mas logo foram reprimidos pela polícia. A única classe que conseguiu um reajuste e a dispensa de um capataz foram os operários da Companhia do Gás. Os demais trabalhadores saíram derrotados.

O ano de 1903 foi movimentado não só por causa das inúmeras greves que aconteceram, mas também pela criação de muitos jornais e periódicos, entre eles *O Alfaiate* e *A Greve*. Fábio Luz, Francisco de Assis Barbosa, Elísio de Carvalho, Pausílipo da Fonseca, Everardo Dias e muitos outros intelectuais participaram do movimento

operário anarquista através da imprensa. Em seus artigos, estes intelectuais começam, ainda que timidamente, a destacar a importância da educação para o movimento operário. Em uma das edições do jornal *Amigo do Povo* destaca que “[...] o *Círculo Libertário Internacional* se propunha a realizar várias obras de propaganda: uma biblioteca, uma escola libertária, conferências etc.” (Deminis e Reis Filho, 2006, p.207).

Em março de 1904, foi lançado no Rio de Janeiro, a primeira edição da revista *Kultur* que publicou uma matéria sobre a Universidade Popular d’Ensino Livre. A matéria ressalta que o papel principal desta nova instituição seria o de criar uma consciência popular. O artigo destaca que a Universidade Popular propõe a:

*“Organização dum curso de ensino superior de acordo com a ciência moderna, criação de uma biblioteca e dum museu social, realização de conferências públicas sobre os mais importantes assuntos sociais, organização de representações d’arte social, excursões científicas, artísticas e expansivas, concertos, festas campestres, etc... criação d’uma revista que seja o órgão da universidade, em resumo, fundação dum centro popular tendo por fim às vezes o prazer e a instrução e a união moral entre os seus cooperadores”* (Deminis e Reis Filho, 2006, p.218).

A Universidade tinha um Comitê de Administração, que se desdobrou em um comitê de propaganda e que se encarregava de arrecadar fundos através de organizações de rifas literárias e artísticas, tendo como prêmios livros e objetos de arte.

Ainda em 1904, O *Jornal do Brasil* passou a ter uma seção denominada O Operariado, na qual veiculava notícias e informações de interesse da categoria, além de convocar assembléias, reuniões e atividades de lazer. Essas notícias eram de autoria dos sindicatos das associações de trabalhadores. Em 19 de março deste ano, O *Jornal do Brasil* publica:

*“Escrevem-no o Conselho da Administração da Universidade Popular de Ensino Livre, fundada recentemente nesta capital, com o apoio dos homens mais eminentes do nosso meio científico e literário: “para instrução superior e educação social do proletariado pela difusão do saber sob todas as suas formas, principalmente pela instituição de cursos e conferências, convida o público em geral e o proletariado em particular, a concorrerem a conferência que se realizará amanhã no Centro das Classes Operárias (...)”*” (Deminis e Reis Filho, 2006, p.219).

Nesta ocasião, as instalações da Universidade Popular ainda não tinham sido concretizadas, e por isso as palestras foram realizadas na Rua do Lavradio.

A partir de então foram estabelecidas duas práticas que se tornaram constantes: a realização de bingos que tinham por finalidade levantar fundos em benefício da Universidade Popular e a distribuição de material<sup>1</sup> de propaganda em português, espanhol, francês e italiano.

Antes que as instalações da Universidade Popular fossem concretizadas, foram realizadas quatro palestras. Na terceira, ocorrida em 19 de abril no Centro dos Pintores, o palestrante foi Elísio de Carvalho. Em seu discurso, destacou os objetivos e os fins práticos da Universidade Popular. Elísio destacou que a Universidade havia sido criada para empreender instrução superior ao proletariado e que esta deveria difundir o saber sob todas as suas formas, principalmente através de cursos e conferências.

As aulas aconteciam regularmente de quinta à domingo, sempre a noite. Em agosto, a sede da Universidade, que antes era no Centro Internacional dos Pintores na rua da Constituição, foi transferida para a rua São José .

Em 11 de outubro realizou-se um festival literário, onde Elísio de Carvalho falou sobre Kropotkin. Houve também a realização de um bingo e a distribuição de literatura social. Porém, no dia seguinte, o Jornal do Brasil publicou a convocação da comissão de verificação de contas da Universidade Popular, a fim de se elaborar o respectivo relatório. Foi então que se deu o fim da Universidade Popular. Não se sabe ainda, ao certo o motivo que levou à interrupção das atividades da Universidade. Entretanto, Fabio Luz destaca em seu artigo Testamento Libertário que:

*“os contribuintes para a manutenção das aulas incorreram em faltas graves de administração, sendo responsabilizado por tudo isso o reitor, que era Elísio de Carvalho. Este se afastou totalmente, e a Universidade teve que fechar suas portas”.* (Luz apud Deminis e Reis Filho, 2006, p 221.)

Depois de seu fechamento, não se tem conhecimento de nenhuma outra publicação que fizesse referência à Universidade Popular, não se confirmando ao certo os verdadeiros motivos que levaram a Universidade Popular a fechar suas portas.

---

<sup>1</sup> Há registrado apenas que a distribuição de material de propaganda ocorreu no dia 20 de março de 1904. Não há mais registro desta prática em outras datas, entretanto, afirma-se que este acontecimento era freqüente.

## 2.4 – A PAIDÉIA

A Paidéia é uma escola localizada em Mérida, Espanha. É uma iniciativa que tem como proposta uma educação autogestionada. Seus membros são alunos, pais, mães, educadores, ex-alunos, amigos e pessoas que acreditam numa *“força unificadora que se baseia na criatividade e nos acordos mútuos que constantemente realizam, para ir-se configurando um coletivo libertário, autodeterminado e auto-regulado.”* (Luengo, 2000, p18).

O coletivo Paidéia não está sob a tutela estatal e nem é vítima de nenhum tipo de exploração privada. É uma escola autogestionária que propõe a participação igualitária de todos os seus membros no processo de formação do indivíduo, de forma que não há lucros e nem privilegiados.

Esta escola pode ser caracterizada como libertária não apenas pelo seu modo de organização, mas também, pela proposta educacional que apresenta, buscando uma educação integral e igualitária.

A Paidéia acredita que a educação deve estar sempre associada ao trabalho, a investigação e a reflexão. A teoria e prática, as atividades manuais e intelectuais e as experiências pessoais devem estar sempre unidas a fim de buscar o amadurecimento pessoal e coletivo.

A autogestão escolar tem como fundamento principal a autonomia das pessoas e o exercício das liberdades de escolha, decisão e relação. Os alunos escolhem quais atividades querem praticar e participam de todas as atividades que são propostas: consertar objetos quebrados, cuidar do jardim, fazer almoço, limpar o ambiente etc. Desta forma, todas as atividades vivenciais são feitas com a participação de todas as pessoas.

Um dos aspectos mais importantes que caracteriza a Paidéia é o respeito à individualidade. A criatividade e a diversidade de cada um torna o processo educativo mais enriquecedor e dinâmico, além de se opor à massificação e à padronização dos seres humanos. A submissão, a doutrinação e o autoritarismo não encontram espaço neste tipo de proposta educacional.

*“A escola livre Paidéia é contra todo totalitarismo ideológico e todo confessionalismo educativo, defende a livre expressão e a crítica constata de uma pluralidade de idéias, de maneira que cada pessoa possa refazer sempre sua própria concepção de mundo e da vida e questionar toda cultura estabelecida. Assim, a aprendizagem permanente das pessoas se*

*converte num meio pelo qual uma sociedade autogestionária se questiona e se recria constantemente.” (Luengo, 2000 p.19)*

Esta escola busca, entre muitos outros aspectos *“praticar e defender os valores da anarquia: a igualdade, a solidariedade, a liberdade responsável, o apoio mútuo, a justiça e a busca constante de felicidade.” (Luengo, ano, p.20)*

A Paidéia é um coletivo autônomo formado por pessoas que trabalham dentro e fora da escola. As pessoas que trabalham dentro recebem um salário que é gerado pelas contribuições dos alunos. No entanto, este salário só é pago depois que todos os gastos da escola forem cobertos. As pessoas que trabalham fora contribuem com uma quantidade fixa e mensal que é utilizada para comprar material escolar, livros, utensílios para a cozinha etc. No entanto, nem todas as crianças têm a mesma situação econômica e há algumas que possuem dificuldades financeiras. Para estas a escola cobre as mensalidades que elas não podem pagar. Além destas fontes, há uma cota de solidariedade que alguns pais que possuem uma economia melhor contribuem. Raramente a escola recebe contribuições de pessoas que não fazem parte do coletivo Paidéia. Assim sendo, as despesas da escola e os salários dos funcionários dependem basicamente da quantidade de alunos.

As crianças chegam à escola às 10 horas da manhã e saem às 6 horas da tarde, mas a escola fica aberta até às 9 horas, pois o coletivo adulto continua seu trabalho para que tudo funcione da melhor maneira possível. Os jovens que estão no último ano e irão passar para o ensino estatal no ano seguinte, permanecem na escola até às 8 horas da noite para receber um ensino mais regular, segundo o currículo oficial para que eles não encontrem dificuldades e nem se sintam inferiores aos demais. Eles não querem ser acusados de “não saber” o que lhes pedem, além de se sentirem com *“a responsabilidade de demonstrar que uma educação livre é melhor que as estatais ou confessionais.” (Luengo, 2000, p.23)*

A cada início de curso os educadores elaboram um projeto para o trimestre que deverá ser apresentado à assembleia. A proposta dos educadores procura sempre seguir a ética da anarquia e valores que não estão sendo trabalhados adequadamente. Este projeto contém os objetivos a serem alcançados e a razão pelos quais foram escolhidos. Na assembleia os educadores explicam quais os pontos que foram destacados no projeto e o porquê os escolheram; fazem críticas sobre os acontecimentos do trimestre passado e submetem suas sugestões à votação. O projeto propõe que os alunos participem da realização do planejamento. Eles devem configurar os grupos de trabalho, a casa, os

cardápios, as contas, as compras, enfim, devem participar de todo funcionamento da escola e do planejamento das atividades a serem realizadas. Os alunos devem fazer parte da autogestão, pois é preciso lhes proporcionar responsabilidades e independência. Este funcionamento dá a idéia de que quem não é responsável não é livre. Quando uma pessoa não responde aos seus compromissos, passa a ficar na posição de mandada, não podendo decidir por si mesma, tendo que fazer aquilo que a outra pessoa decide por ela.

Os alunos aceitam a dinâmica da escola, pois sabem que ela tem como base os princípios da anarquia e que eles estão ali para aprendê-los. *“É na prática que se apresentam os problemas e onde se realiza verdadeiramente a educação libertária.”* (Luengo, 2000, p.25)

A dinâmica educativa e o uso da liberdade precisam de objetivos comuns para que ninguém exerça poder sobre ninguém. Para isso, é preciso garantir todos os tipos de igualdade: social, econômica, de gêneros, cultural, educativa, igualdade no trabalho, na aceitação das diferenças, igualdade de direitos e de responsabilidades. Para que não haja nenhum tipo de hierarquia e que se solidifique a igualdade é necessário buscar um equilíbrio entre a liberdade individual com a coletiva.

Na Paidéia existe uma Assembléia que tem como principal finalidade aglutinar as pessoas e a autogestão do coletivo. Todos participam da assembléia, inclusive as crianças. As assembléias acontecem sempre que uma situação a requeira, como por exemplo, resolver problemas de caráter coletivo ou escolher alguma atividade. Os alunos podem e devem levar para a assembléia relatos das tarefas que realizaram para compartilhar com o coletivo o que aprenderam ou para que o coletivo as ajude a superar suas dificuldades. Não são todos os problemas que são levados à assembléia. Quando Primeiro tenta-se resolver os problemas com as pessoas que o compõem. Caso não tenham sucesso, as pessoas pedem ajuda a um grupo de pessoas de mais idade. Se ainda assim não for possível resolver uma situação, aí sim se convoca uma assembléia onde todos participarão.

As assembléias sempre são coordenadas por uma pessoa do coletivo. O coordenador é escolhido por meio de votação na primeira assembléia do trimestre e tem como principais funções: garantir o respeito e a participação de todos, dar a palavra, incrementar a capacidade de observação e de atenção, dar permissão para abandonar a assembléia e suspendê-la. Em cada assembléia realizada é elaborada uma ata que tem como finalidade deixar escrito os acordos feitos na assembléia e registrar a constância da dinâmica do processo educativo. Isso é importante, pois marcam a evolução da vivência,

bem como estabelece uma validade para os acordos feitos na assembléia. As atas também desenvolvem a capacidade de síntese, a percepção auditiva e favorecem a aquisição do vocabulário.

A ata é o documento que registra como os valores da anarquia vão sendo implementados ao longo do processo educativo. Nela, registra-se a maneira como os alunos discutem diversos temas, como por exemplo, a violência, as atitudes de poder, o abuso da liberdade entre outros temas. A partir desses registros, as atas evidenciam e marcam alguns pontos importantes da dinâmica da escola.

A igualdade e a autonomia são dois valores muito considerados pelo coletivo Paidéia, e é o trabalho que estabelece a base para a construção desses valores. Cada pessoa tem que contribuir com todo o seu esforço para construir uma vida feliz e agradável. Para isso, essa pessoa precisa empenhar seus esforços intelectuais e manuais, para que a convivência seja a mais justa possível. O coletivo Paidéia entende que todas as pessoas podem realizar todos os trabalhos possíveis em uma determinada proporção e que os trabalhos mais duros são melhores realizados por quem é mais maduro e capacitado intelectualmente.

A igualdade no trabalho é um pilar fundamental para o estabelecimento de uma sociedade livre, pois uma vez que haja a igualdade no trabalho, automaticamente se abole a divisão de classes e conseqüentemente o domínio de uns sob os outros.

O trabalho também proporciona e desenvolve a autonomia, pois capacita todas as pessoas a realizarem o trabalho de que necessitam, evitando assim a dependência de outras pessoas, além de torná-las mais livres.

Um outro aspecto importante que faz parte do processo educativo desempenhado pela Paidéia é a crítica. Lá, todos podem manifestar-se tal como são e como pensam, pois não há nenhum tipo de repressão. A crítica é exercitada desde cedo, por crianças bem pequenas e é um aspecto constante na dinâmica educativa.

A Paidéia defende que um dos conceitos fundamentais do pensamento libertário é que todas as pessoas nasceram iguais, mas todas elas têm características diferentes que enriquecem a vida e as relações sociais. A solidariedade é uma alternativa para a competição e é através da solidariedade que vai se formando uma sociedade mais justa e igualitária. A educação é importante na medida em que pressupõe a ajudar a pessoa a amadurecer para que ela se construa e se reconstrua como um ser novo.

*“A Paidéia pretende construir pessoas com estruturas mentais diferentes daquelas que os sistemas autoritários criam, para facilitar às crianças – pessoas em evolução, amadurecimento e desenvolvimento – a possibilidade de fazerem evoluir a sociedade atual, vivendo e lutando de diferentes formas, potenciando, assim, o progresso social e uma diminuição drástica de propostas, pensamentos e ações “fascistóides”, das quais estão amplamente impregnadas nas sociedades atuais.”*  
(Luengo,2000, p.20)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia foi elaborada com base nos estudos feitos ao longo de quase três anos de participação no grupo de pesquisa do NEB – Núcleo de Estudos em Educação. O grupo de pesquisa, que é orientado pela professora Doutora Angela Maria de Souza Martins, estuda a importância das escolas libertárias no processo de conscientização da classe operária pela busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Entretanto, o presente trabalho pretendeu fazer uma breve análise das principais propostas do movimento anarquista e identificar algumas iniciativas educacionais que buscavam seguir os propósitos libertários.

Para se compreender com clareza a metodologia e as propostas pedagógicas oferecidas pelas escolas libertárias, entendi que seria importante ressaltar quais eram os princípios que norteiam a atuação dessas escolas. Por isso, no primeiro capítulo, destaquei três importantes teóricos anarquistas, no qual busquei fazer uma breve narração de suas vidas e apresentar suas principais idéias.

Pierre-Joseph Proudhon foi o primeiro anarquista a ser apresentado por um motivo fundamental: as idéias de Proudhon surgiram no século XIX como um divisor de águas. Naquela época, todos os socialistas lutavam por uma causa básica que era a igualdade social. Os socialistas eram liderados por Marx, que propunha a tomada do poder pelo proletariado. Foi então que Proudhon argumentou que a ditadura do proletariado não traria igualdade social. Seria apenas um jogo de tomada de poder onde o proletariado sairia da condição de trabalhador e se tornaria burguês, ao passo que o burguês sairia dessa sua condição e passaria a ser operário.

Desta forma, Proudhon se opôs ao pensamento de Marx e marcou uma importante fase do movimento anarquista.

O segundo teórico que destaquei foi Michael Bakunin. Este foi discípulo de Proudhon, mas usava outra metodologia. Proudhon acreditava que a revolução social poderia se dá de maneira pacífica e de forma gradativa. Mas Bakunin pensava que era preciso acabar com todo e qualquer vestígio da sociedade hierárquica, pois caso contrário, a revolução social nunca se efetivaria com sucesso. Assim, Bakunin queria a destruição total da sociedade para que então se pudesse construir uma sociedade baseada nos princípios da ideologia anarquista.

Com Bakunin, tentei explicar o porquê que o senso comum confunde anarquismo como sinônimo de desordem e bagunça. O que se pôde analisar é que isso além de inverossímil, é também um absurdo, pois a proposta anarquista é exatamente o contrário.

Tanto Proudhon quanto Bakunin reconheciam a importância da educação no processo da revolução social, mas nenhum deles deu ênfase a este aspecto. Suas teorias restringiram-se à questão econômica e política.

Foi Francisco Ferrer y Guardia, o terceiro teórico apresentado, que abordou a questão da educação dentro do movimento anarquista. A propósito, ele fez mais do que isso. Ele foi o fundador da Escola Moderna da Espanha, que até hoje serve de modelo para as escolas que se propõem a seguir as propostas pedagógicas libertárias. Antes de ser um anarquista, Ferrer era um professor e amava as crianças. Dentro da perspectiva libertária, ele percebeu que para a efetiva mudança da sociedade seria necessário mudar primeiro a mentalidade do homem e para isso a educação é fundamental.

Assim, no primeiro capítulo tentei destacar três anarquistas que contemplassem a atuação do movimento nas três principais vertentes da sociedade: a economia, a política e a educação.

No segundo capítulo fiz uma pequena descrição de quatro iniciativas educacionais anarquistas. A primeira foi a Paidéia, uma escola da Espanha que tem uma proposta de educação autogestionária. Suas práticas pedagógicas procuram desenvolver a autonomia e a liberdade.

A segunda iniciativa anarquista foi a Escola Moderna de Barcelona. Esta escola revolucionou a educação espanhola, pois abrigava tanto meninos como meninas, de todas as classes sociais. Para época, isso foi uma questão polêmica. A Escola Moderna de Barcelona serviu de modelo para muitas escolas libertárias no mundo todo, inclusive aqui no Brasil.

A terceira proposta educacional libertária destacada foi a Escola Moderna de São Paulo que foi uma seguidora fiel da Escola Moderna de Barcelona. Seu diretor, João Penteado era um grande admirador de Ferrer y Guardia e buscou implementar uma escola semelhante a de Ferrer.

A quarta iniciativa foi a Universidade Popular que foi uma iniciativa de nível superior que buscava atender os trabalhadores. Teve curta duração e nem todos que estavam envolvidos em sua criação eram anarquistas.

A Universidade Popular foi meu objeto de pesquisa por um ano e meio e tive grandes dificuldades de encontrar material sobre sua proposta. Além disso, algumas datas não conferem, ou seja, não se tem certeza das datas apresentadas.

Apesar de naquela época o Rio de Janeiro ser a capital do Brasil, a maioria do material encontrado sobre o movimento anarquista e sobre as escolas libertárias dizem respeito a São Paulo. Os dados pertinentes à atuação do movimento no Rio de Janeiro são escassos e superficiais.

É preciso que a atuação do movimento e as experiências educacionais realizadas no Rio de Janeiro sejam pesquisadas nos meios acadêmicos como forma de resgate da memória do movimento anarquista carioca e como fonte para análise da contribuição e das conseqüências da educação libertária para os dias de hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNAL, Anastacio Overejo. Anarquismo Espanhol e Educação. In: Revista Educação Libertária - Educação e Revolução na Espanha Libertária, São Paulo: Editora Imaginário, 2006, nº. 1.
- CONNELLY, F. M. & CLANDININ, D. J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: RODRÍGUEZ, M. L. & LARROSA, J. (org). Déjame que te cuente – Ensayos sobre narrativa y education. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- CORAZZA, Sandra M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa V. (org.). Caminhos Investigativos- novos olhares na pesquisa. em educação. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1996.
- DEMINIUS, Rafael Borges e REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). História do Anarquismo no Brasil. Niterói, RJ: Mauad X EdUFF Editora da UFF. Volume I
- GALLO, Sílvio. Educação Anarquista: um paradigma para hoje. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1995.
- GALLO, Sílvio. Ferrer e a Pedagogia Racional: um balanço cem anos depois... In: Revista Educação Libertária - Educação e Revolução na Espanha Libertária, São Paulo: Editora Imaginário, 2006, nº. 1.
- GOLDMAN, Emma. Francisco Ferrer e a Escola Moderna. In: Revista educação Libertária -Educação e Revolução na Espanha Libertária. São Paulo: Editora Imaginário, 2006, nº. 1
- GUARDIA, Francisco Ferrer. La Escuela Moderna. Madrid: Ediciones Solidaried, s/d.
- LUENGO, Josefa Martín. Paidéia Escola Livre - Educação Autogestionária. In: Luengo, Josefa Martín. Pedagogia Libertária: experiências hoje. São Paulo: Ed. Imaginário, 2000.
- LUIZETTO, Flávio. O Movimento Anarquista em São Paulo: a Experiência da Escola Moderna nº. 1. São Paulo: Editora Cortez, 1986
- SAFON, Ramon. O racionalismo combatente. São Paulo: Editora Imaginário. 2003.
- TRAGTENBERG, Maurício. Sobre educação, política e sindicalismo. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.
- WOODCOCK, George. História das idéias e movimentos anarquistas. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002. Volume 1 – A Idéia

- WOODCOCK, George. História das idéias e movimentos anarquistas. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002. Volume 2 – O Movimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação – EE  
Departamento de Didática - DID

## MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Naira da Costa Muylaert Lima (20032351170)

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Algumas propostas libertárias de educação.

ORIENTADOR(A): Profa. Dra Ângela Maria Sousa Martins

### FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

#### PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Nairda Mourão da Costa Bonato

Nota: 10,0

#### Considerações:

Apesar de algumas folhas de digitação, Naira em sua pesquisa monográfica de produção apresenta um texto bem construído a partir da bibliografia estudada. Traz contribuições importantes para os estudos sobre educação libertária e pensadores anarquistas. Merece continuidade em estudos posteriores, pois apresenta potencial para isso. Algumas sinalizações foram feitas no intuito de contribuir para uma continuidade e aprofundamento teórico. Assim, considero a monografia APROVADA.

DATA: 12 de dezembro de 2007

Assinatura: Nairda Mourão da Costa Bonato

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 10,0 (dez)

**Considerações:**

O trabalho da Anaia foi consistente, ao longo de um ano, a partir de suas reflexões na equipe de pesquisa. O trabalho apresenta reflexões consistentes sobre algumas propostas liberais de educação, também uma boa fundamentação teórica. O trabalho resulta de uma investigação bastante consistente pelo que foi exposto confiro-lhe a nota 10,0 (dez). Dull.

Data: 3/12/2007

Assinatura: Angela Maria Souza Martins

**TERCEIRO AVALIADOR**

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota: 10,0

**Considerações:**

O trabalho contém os principais elementos de uma monografia.

Data: 12.12.07

Assinatura: Janaina S.S. Menezes

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
10,0	10,0 (dez)	10,0	10,0